

# MEMÓRIA E MATÉRIA EM BERGSON: UMA ANÁLISE TEÓRICA DA ARTICULAÇÃO ENTRE O CORPO, O ESPÍRITO E AS SUBJETIVIDADES

Thiago Souza Silva<sup>1</sup>  
Elton Moreira Quadros<sup>2</sup>  
Nádia Sampaio<sup>3</sup>  
Luciana Araújo dos Reis<sup>4</sup>

## Resumo

O escopo deste trabalho consiste em apresentar, minuciosamente, uma apreciação analítica a respeito da compreensão teórica em torno da memória, com fulcro no prisma conceitual legado por Henri Bergson, cuja fundamentação se ancora, primordialmente, nos argumentos dispostos na referência bibliográfica de sua autoria, intitulada por *Matéria e Memória*, sendo esta uma de suas obras de maior destaque no contexto acadêmico, e que dialoga, interdisciplinarmente, com inúmeros campos e abordagens. Assim, apresenta-se, primeiramente, a compreensão e o relacionamento existente entre os seguintes elementos: memória, imagem e o corpo, enfatizando-se neste caso, todo seu aparato cerebral e a dinâmica de formação da imagem no instituto da mente, vislumbrando-se nesse processo as materialidades, e, considerando-se, ainda, o caráter espiritual da memória verdadeira. Sequencialmente, fez-se necessário

---

1 Doutorando do Curso de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

E-mail: thiago\_uesb@yahoo.com.br;

2 Prof<sup>o</sup> DSC. do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

E-mail: eltonquadros@gmail.com;

3 Doutoranda do Curso de Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

E-mail: ndiasampaia@yahoo.com.br;

4 Prof<sup>a</sup> Doutora do do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

E-mail: lucianauesb@yahoo.com.br

---

diferençar a memória em categorias: a espontânea e a apreendida, para viabilizar a abordagem das definições sobre lembrança, realidade e duração, de forma articulada. A partir deste ponto, evidenciou-se a perspectiva Bergsoniana sobre memória, em associação com as patologias cerebrais, rechaçando o entendimento dos seus contemporâneos cientistas sobre um cérebro tratado apenas como armazenador de imagens e lembranças. Posto isto, Bergson atesta que, a memória se manifesta através da conformação da virtualidade. A partir de então, direciona-se o conteúdo da memória para a compreensão de uma temporalidade duradoura, e para a consolidação do entendimento de que o corpo funciona como um tipo de elemento determinante na integração entre as imagens e as subjetividades.

**Palavras-chave:** Materialidade, Percepção, Imagem.

## Introdução

Atribui-se a Henri Bergson o estabelecimento conceitual de memória, enquanto delineador das correlações existentes entre a preservação do tempo passado e sua vinculação com o presente. Este pensador evidencia que a memória condiciona a integração do passado com o corpo presente. Ao registrar e afixar as percepções e representações dos sujeitos, ela exerce um papel elementar na vida destes.

Este autor esclarece que, a conservação que o espírito executa a respeito de si mesmo, equivale à memória. Assim, o perdurar do passado na dimensão minemônica se processa de duas formas elementares. Uma delas é categorizada por Bergson como sendo uma memória pura, que atua na dimensão onírica e no campo poético, e é posicionada no domínio do espírito livre. A outra se refere a uma memória hábito, que se desenvolve com a contribuição do aparato sensorio-motor. Esta apresenta a função de conduzir o sujeito à repetição de reações comportamentais bem sucedidas.

Bergson aponta no preâmbulo da sua obra, *Matéria e Memória*, o desafio referente a uma questão clássica da teoria metafísica, isto é, a relação existente entre o espírito e a matéria. Apesar do direcionamento de seu diálogo apresentar uma personalidade dualista, a pretensão do autor é amenizar, quando não elidir os obstáculos teóricos suscitados pelo dualismo, que institui o senso comum e desperta a suspeita dos filósofos.

Tal filósofo parte da especificação da ideia de representação e imagem para a noção de senso comum, tencionando, no conteúdo de suas declarações, contrapor aos argumentos sustentados pelos princípios realista e idealista da matéria.

Efetivamente, Bergson se dedica a analisar a matéria de forma precedente à desagregação que o idealismo e o realismo implantaram entre os fenômenos da sua existência e aparência. Isto implicaria, então, em eximir-se das convicções dogmatistas preconcebidas, que frustrariam uma nova abordagem da conexão entre os institutos da alma e do corpo, que é matéria de apreciação dos capítulos dois e três da publicação em comento.

O procedimento de purificação dos prejulgamentos pressupõe, ainda, o exame das associações entre os enunciados do campo científico e filosófico. O autor demonstra que, ao longo do processo histórico do pensamento filosófico, as ciências e a filosofia se escoram nos pressupostos intrínsecos a cada uma dessas dimensões, de forma recorrente e associativa, para dar consistência aos seus juízos de valor, a respeito do relacionamento que existe entre o corpo e a alma, incorrendo num círculo vicioso, que inviabiliza a elucidação dos eventos.

---

De fato, ele não impugna o envolvimento ou a emancipação da ciência (sobretudo a psicologia) ou da metafísica, mas salienta que essas ciências devem, de forma particular, propor problemas uma à outra, e, na mesma proporção, possuir a habilidade de subsidiar a resolução das questões. Destaca-se, também, que tal ação deve ser sempre processada em companhia de uma abordagem crítica, ou seja, sobrepunhando comportamentos ou artificialismos que sejam capazes de afetar o diagnóstico, e evitando basear-se, instintivamente, em teses incapazes de serem corroboradas, tendo em vista que integram outra área do saber científico.

A sua expressa oposição ao dogmatismo, tanto de procedência científica quanto filosófica, pretende alcançar um momento antecedente, em que os fenômenos possam ser captados em sua forma pura, sem a participação categorial definida por algum sistema interpretativo.

Nesse itinerário, *Matéria e Memória* busca o afastamento das teses concernentes ao estudo da matéria, da contrariedade entre o objeto e o sujeito, para erguer os alicerces de uma teoria da imagem que, de algum modo, reproduz uma conjectura processual de redução filosófica:

Iremos fingir por um instante que não conhecemos nada das teorias da matéria e das teorias do espírito, nada das discussões sobre a realidade ou a idealidade do mundo exterior. Eis-me, portanto, em presença de imagens, [...] Todas essas imagens agem e reagem umas sobre as outras em todas as suas partes elementares, segundo leis constantes, que chamo leis da natureza, [...] No entanto, há uma que prevalece sobre as demais na medida em que a conheço não apenas de fora, mediante percepções, mas também de dentro, mediante afecções: é meu corpo. (BERGSON, 2006, 9 p.).

O objetivo desta investigação reside, portanto, na apresentação pormenorizada do entendimento que circula em torno dos elementos matéria, memória, imagem e corpo, de forma imbricada. Assim, sublinha-se, por intermédio de uma exposição analítica do legado conceitual transmitido por Henri Bergson, a operacionalização do aparato cerebral, em cooperação com os dispositivos sensoriais, para a constituição da imagem no campo da mente. Nesse processo, será enfatizada a questão da materialidade, bem como será considerada a personalidade espiritual da memória, categorizada como verdadeira.

A *posteriori*, serão apresentadas duas modalidades de memória, em conformidade com os pensamentos Bergsonianos, a saber: a memória espontânea e a apreendida. Estas, por sua vez, oportunizarão o estudo das

conceitualizações em torno dos termos lembrança, realidade e duração, ressaltando, continuamente, a articulação que há entre esses elementos.

Este trabalho apresentará, ainda, como Bergson explorou a correlação existente entre os distúrbios fisiológicos e anatômicos do cérebro e os seus impactos para a apreensão da memória, e quais foram os dilemas ocorridos entre ele e a comunidade científica como enfrentamento de sua discordância de um cérebro que funcionava como um mero arquivo, onde se acondicionam as lembranças e as imagens.

Por fim, restará claro, após fartas colocações, que, em Bergson, a memória se revela por intermédio da conformação da virtualidade. Assim, o conteúdo da memória é direcionado para a assimilação de uma temporalidade que dura, e, para a instituição do entendimento do corpo enquanto parte determinante na vinculação entre as imagens e as subjetividades.

## Metodologia

Este artigo é resultado de uma pesquisa de caráter estritamente bibliográfico, no qual foram empregadas, prioritariamente, as contribuições teóricas legadas por Henri Bergson na sua obra *Matéria e Memória*, que inspirou a problematização das questões, doravante, elencadas, formuladas por meio da utilização de alguns marcadores/terminologias recorrentes na aludida referência, tais como: memória, materialidade, percepção, tempo passado e presente (devir), imagem, corpo, mecanismos cerebrais, espírito, intuição, ciência.

Assim, estes elementos foram trabalhados na construção de definições e conceitos pertinentes à reflexão filosófica, que se objetivou desenvolver nessa investigação, fundamentando-se nas seguintes ponderações, quais sejam:

- Qual o conceito de Memória defendido por este pensador, e como é encadeado o processo de captação de imagens e a operacionalização da percepção, como ato decorrente dos mecanismos sensorio motores, coordenados pelo campo cerebral que integra o corpo biológico do homem.
- Qual a relação existente entre o passado e o presente (tratado por Bergson como devir), e o como aquele período é mobilizado pelo instituto da memória.
- Quais as classificações que o autor atribui à memória, e quais os seus desdobramentos no plano real.
- Qual é a influência do espírito na reconstituição da memória.

- Quais as demandas, contraposições e dilemas que as suas convicções enfrentaram frente ao dogmatismo científico de sua época.

## Resultados e discussão

### 3.1 As confluências entre a memória, a percepção e os elementos sensoriais do corpo

fundamental frisar que a memória é um assunto exaustivamente explorado pelas abordagens científicas dos inúmeros campos da pesquisa acadêmica, mormente, na área das humanidades (filosofia, sociologia, literatura, e congêneres).

A raiz etimológica do termo memória possui derivação do grego “mnemis”, e o seu sentido explicita a noção de resgate daquilo que está acondicionado previamente no espírito, fazendo referência à ação de lembrar. Nessa conjectura, pode-se compreender a memória como sendo, por excelência, o foro de competência e desenvolvimento do ato de idealizar, do ponderar, do raciocínio detido e do maturar das apreciações.

Ao introduzir o prisma teórico legado por Bergson (2006), nessa esteira de considerações, pode-se verificar que, seu apontamento, em torno da reflexão, principia com a interpretação do mundo, por intermédio das imagens, e, também, lida com a forma como o corpo o assimila.

Pautado nesse princípio, Bergson evidencia a sua tese sobre a impossibilidade do universo ser plenamente decodificado pelo homem. Isto seria, pois, uma utopia, haja vista que o seu dispositivo de racionalidade é, outrossim, uma parcela de sua própria composição biológica, conforme exposto no trecho a seguir:

[...] o cérebro é uma imagem, os estímulos transmitidos pelos nervos sensitivos e propagados no cérebro são imagens também [...] é o cérebro que faz parte do mundo material, e não o mundo material que faz parte do cérebro [...] Nem os nervos nem os centros nervosos podem, portanto condicionar a imagem do universo (BERGSON, 2006 13-14p.).

Tendo em vista as observações em tela, percebe-se que Bergson (2006) não comungava de algumas convicções adotadas por alguns pensadores científicos contemporâneos a si, os quais preconizavam que o homem era capaz de compreender tudo mediante os seus dotes

---

intelectuais, uma vez que o cérebro era categorizado também como um elemento do mundo material.

Em face dessa divergência, supunha-se que, seu enfoque acerca da memória foi deveras impactante, dado que reconhecia e proclamava a existência do espírito, isto é, admitia-se algo que ultrapassa a questão da matéria. Em alusão à temática, Bergson estabelece vinculações com a lembrança, diferenciando-a em duas classificações, quais sejam: espontânea e aprendida.

A primeira apresenta-se vinculada à sequência dos eventos, e se encarregaria de registrar os fatos pretéritos com exatidão de informações, com o fito de resguardar o passado. A última reproduz a lembrança daquilo que foi experienciado, estendendo-o até o tempo presente. De ambas as memórias apresentadas, depreende-se que aquela detém, categoricamente, uma personalidade mais representativa da memória.

Com fulcro nisto, verifica-se que Bergson (2006) defendia uma memória detentora das seguintes características: pura, imutável, que contesta o viés da lembrança imagem e da percepção, embora nenhuma se desenvolva separadamente, como ele mesmo assevera e, sequencialmente, as define.

É válido destacar que a percepção não é, meramente, uma relação existente entre o objeto presente e o espírito, mas que está completamente permeada das lembranças-imagens que a completam, decifrando-a. Já a lembrança-imagem, participa, efetivamente, tanto da lembrança pura, que ela se propõe a materializar, quanto da percepção, na qual é propensa a se incorporar.

Em continuidade a construção conceitual de memória, o autor acrescenta que a finalidade do corpo não consiste, simplesmente, em funcionar como um depósito de lembranças, mas desempenha uma função seletiva, para conduzi-la a um estágio de consciência distinta. Deste modo, acreditava na realidade de um depósito materialista disposto no próprio espírito, com o qual o corpo possui a capacidade de interagir, mas de forma esfacelada, o que implica dizer que essa relação não é possível em caráter integral.

A obra intitulada de *Memória e Sociedade*, de autoria de Bosi (1994), se inspira na concepção teórica Bergoniana. Esta referência, em particular, possui uma aptidão proeminente, que oportuniza uma compreensão mais perspicaz do conceito em abordagem, consoante nota textual que segue abaixo:

[...] Antes de ser atualizada pela consciência, toda lembrança vive em estado latente, potencial. [...] Depois, ela

completa, dizendo que: o papel da consciência, quando solicitada a deliberar, é, sobretudo, o de colher e escolher. [...] E, finalmente, ela faz uma aproximação ao que Bergson considerava a verdadeira memória, ou lembrança-pura à arte. (BOSI, 1999 14 p.)

Baseando-se na perspectiva explorada pela autora em questão, é possível declarar que o onírico, assim como a arte, recupera essa memória rotulada como sendo verdadeira, de acordo com categorização Bergoniana, sendo, pois, inalcançável em sua extensão.

Outra colocação substantiva feita pela mesma autora é a respeito da qualificação da memória na condição de vertente espiritual. Nesse prisma, a memória é assimilada como uma força espiritual progressiva, a qual se contrapõe ao elemento material, a qual se coloca como seu óbice.

Frente ao exposto, percebe-se que, nas proposições sustentadas por Bergson, a memória verdadeira do sujeito é aquela que está concentrada no âmago do espírito, e que não suscita unicamente as experiências particulares do indivíduo, mas remete, também, às da espécie. Deste modo é que se pode aceder ao espaço das reminiscências da memória coletiva que habita nos sujeitos.

### **3.2 Explorando os Conceitos de Memória e Matéria Legados por Henri Bergson**

Na obra denominada de *Matéria e Memória*, constata-se que Henri Bergson enfoca consideráveis conceitos que intensificam e robustecem as ponderações acerca da interligação das imagens com a memória.

Ao explicitar a sua convicção teórica quanto a memória, Bergson (2006) a apresenta como sendo um evento investido do poder de reformulação do passado no período presente, isto implica dizer que, "ela prolonga o passado no presente" (BERGSON, 2006, 247p.), e, além disso, há uma afirmação, por parte deste autor, onde se registra que é do presente que incide o rogo o qual a lembrança corresponde, e é dos componentes dos impulsos sensoriais da atividade presente que a lembrança extrai o calor que lhe fornece vida.

Para este pensador, a lembrança consiste na "representação de um objeto ausente" (BERGSON, 2006, 80 p.). Noutros termos, fica patente que:

[...] A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos

a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, 2006, 77 p.)

Na ótica de Bergson (2006) a memória tem o propósito preliminar de conclamar as impressões pretéritas, equivalente a uma percepção presente, lembrando o que antecedeu e o que procedeu, recomendando, deste modo, o juízo mais proveitoso. Assim, a memória seleciona, consecutivamente, inúmeras imagens símile, que se projetam no rumo da percepção nova.

O referido autor distingue dois tipos de memórias que, apesar de apresentarem suas próprias especificações, acabam por se concatenarem recorrentemente, quais sejam: a memória hábito e a regressiva, sendo esta última também conhecida como espontânea, imbuída pelas imagens-lembranças.

Em virtude da precisão de um delineamento que oportunize a apreciação científica do objeto desta pesquisa, é que este trabalho esquadrinhará as evocações de imagens-lembranças, que transportem consigo elementos informativos quanto a biografia dos indivíduos. A respeito dessa abordagem, o autor em citação explica que as imagens são "uma certa existência", posicionada entre aquilo que o idealista assimila por representação e o realista a compreende por coisa.

Conforme prescreve Bergson, a realidade corresponde a uma mescla de visões, não estando, pois, circunscrita a uma ou outra visão, haja vista que não se deve ignorar que é o aparato cerebral que pertence ao mundo material e não o inverso (BERGSON, 2006). Do mesmo modo, não se pode rejeitar o pressuposto de que as representações dos indivíduos retenham suas singularidades, que viabiliza as variadas maneiras de concepção da matéria. Nessa linha de pensamento, este autor estabelece que a memória regressiva seria aquela que:

[...] registraria, sob forma de imagens-lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data. Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural. (BERGSON, 2006, 88 p.).

Segundo Bergson (2006), a impressão que se capta da realidade é impregnada por lembranças em determinada duração. Essas lembranças são suscitadas de forma responsiva, em face de uma circunstância presente, com o fito de serem úteis ao corpo, através da atividade a ser

executada por este. Deste modo, se averiguará nesse trabalho o reconhecimento de uma impressão presente pela imagem-lembrança que se renova chegando a constituir o formato dessa impressão com a potencialidade de “abdicar de muitos de seus detalhes para entrar aí mais facilmente” (BERGSON, 2006, p.111).

O autor acentua que, para se viabilizar o entendimento da memória, como promotora na formação das subjetividades, é imprescindível que se contemplem as atribuições funcionais do corpo e suas influências quanto às imagens externas a si, tendo em conta que, via de regra, às imagens e os objetos estão situados num patamar diferenciado, se comparado ao posicionamento privilegiado do corpo, exatamente porque com o corpo se dinamiza distintas maneiras de ação. Assim, conforme atesta a teoria bergsoniana, “os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles” (BERGSON, 2006, 12 p.).

Opositor incisivo dos arcaísmos teóricos vigentes na sua contemporaneidade, Henri Bergson dedicou um espaço no preâmbulo de sua obra, *Matéria e Memória*, para conferir tônica à associação existente entre a memória e o cérebro, de forma tão incomum que, até mesmo hodiernamente, sua contribuição ainda se manifesta enormemente apropriada:

[...] Que haja solidariedade entre o estado de consciência e o cérebro é incontestável. Mas também há solidariedade entre a roupa e o prego onde ela está dependurada, pois se arrancamos o prego, a roupa cai. Dir-se-ia por isso que a forma do prego desenha a forma da roupa ou nos permite de algum modo pressenti-la? Assim, do fato de que o psicológico esteja pendurado em um estado cerebral não se deve concluir o ‘paralelismo’ das duas séries, psicológica e fisiológica (BERGSON, 2006, 164 p.).

Efetivamente, Bergson designa uma filiação e uma relação de reciprocidade existente entre o cérebro e o status de consciência, porém estabelece uma demarcação de natureza entre essas dimensões, obstaculizando a via de movimento de diminuição de uma delas à outra. Frente a isto, acredita-se que, esse mutualismo se firma como uma interação indispensável, contudo não apresenta lacunas para a consolidação de nexos de causalidade ou de equivalência.

A aplicação retórica do prego e da roupa, utilizado estrategicamente como uma figura de linguagem, para comunicar a sua teoria, foi satisfatoriamente contundente, pois ela esboça duas realidades: uma delas é a correlação entre as instâncias acima arroladas, e, a outra, diz respeito a irredutibilidade entre ambos os elementos, impossibilitando execuções reducionistas.

Bergson (2006) articulou um dualismo revolucionário, onde matéria e memória não seriam redutíveis uma com relação à outra, e tampouco seriam "séries paralelas". Ademais, reitera que estas instâncias são drasticamente dissemelhantes, em virtude de suas naturezas profusas.

Em continuidade a teorização Bergsoniana, a respeito da memória em suas associações com a materialidade do cérebro, destaca-se que, na obra *Matéria e Memória*, Bergson persiste em se distanciar de uma perspectiva especializada da memória, que converteria o cérebro e suas células sensório-motoras em meras zonas de deposição, ou seja, em simples espaços de registro de fatos ocorridos.

Desatando-se da cultura filosófica que predominava nas investigações científicas vigorantes naquele contexto histórico, Bergson não idealizava o cérebro como elemento biológico da representação, como instituto do raciocínio perscrutador, do conhecimento puro, reportando-o sempre a uma atividade substancialmente intencional.

Ao tratar sobre as patologias da memória, Bergson rechaça, categoricamente, a crença que trata do cérebro como sendo um armazenador de lembranças e imagens. Citando-se, por exemplo, as afasias, que equivaleriam às anormalidades pontuais, que se manifestam em regiões específicas do cérebro, o autor analisa o dano psicológico não como uma revogação das lembranças presumidamente retidas nas células neurais, conforme a visão por ele refutada, mas como uma inaptidão em resgatá-las ou mesmo reformulá-las.

A confirmação deste fato é que um determinado estímulo ou até mesmo sensações podem atrair subitamente, em regresso à consciência, palavras que se julgavam desaparecidas em definitivo. A partir disto, corrobora-se o entendimento de que as lembranças não estão localizadas e nem abrigadas em neurônios. Além disso, o autor afirma que o esquecimento não se equipara a um processo aparentemente negativo, de extinção das lembranças.

Ademais, Bergson (2006) instaura uma vinculação entre o cérebro e o atributo da plasticidade neural, fundamentalmente associada com o esquecimento. Em sua ótica, aquele órgão fisiológico se empenha na emergência da lembrança útil, mas também concorre para demover temporariamente todas as demais.

Finaliza salientando, concomitantemente, tanto a distinção quanto o mutualismo entre cérebro, enquanto instituto material, e a memória. Para tanto se inspira nas bases teóricas apregoadas por Ravaisson, filósofo que acreditava que a materialidade introduz o esquecimento nos indivíduos.

---

O cérebro, a despeito de ser o espaço de depósito de lembranças, é, também, conectado à coibição destas, concorrendo para o ato de olvidar, referindo-se, pois, ao dispositivo de cessação da memória na sua totalidade no plano da virtualidade.

Demonstra que, a memória se manifesta através da conformação da virtualidade, estando, pois, por este via, sempre presente de maneira plena. Esta mantém com o indivíduo, no decorrer de sua vida, um sistema de parceria, escoltando-o, e se reformula, normalmente, em razão dos requisitos da ação (BERGSON, 2006).

A partir de então, o autor traça um direcionamento para a apreciação de sua teoria precursora, que anuncia o conceito e a dinâmica de uma temporalidade duradoura. Assim, a memória não traduz, em absoluto, uma espécie de reversão do tempo presente para o passado, antes, consiste na versão oposta deste ciclo. Quanto ao corpo, acredita-se que toda a sua estrutura física funciona como um tipo de instrumento mobilizador do passado, e que o atrai, a todo instante, para o porvir.

A memória, refletida por meio desse viés ideológico, equipara-se a um reservatório inexaurível, para que o indivíduo alterne suas reações responsáveis à certas circunstâncias, e para que o mesmo construa novos trajetos.

Tal pensador assinala que o homem foi emancipado dos automatismos, do cárcere dos estímulos instintivos, tais quais os que os animais inferiores estão restritos. Logo, o cérebro está estreitamente concatenado com a possibilidade da indecisão, com o ato de protelação, com o exercício do cessar, ou, até mesmo, à diversificação das respostas às provocações externas, que solicitam do indivíduo uma reação correspondente (BERGSON, 2006).

É salutar registrar, em acréscimo ao explorado, que, essa aptidão de reformulação das lembranças, oportuniza que o conceito de memória atue como uma interminável fonte, que possibilita ao homem a capacidade de desprender-se da simples reprodução, dos costumes e do império das necessidades.

Corroborando a eficácia dessa percepção sobre memória, que comporta o significado do não atomismo e da emancipação, há determinados trechos do livro *Matéria e Memória* que o autor personifica as lembranças através dos atributos do fulgor e da veemência.

Portanto, é possível explicitar que as operações em articulação com o corpo e a imagem, superam a mera noção de uma correlação de retroalimentação (causa e efeito), mas que retrata a máxima que proporciona a formação do entendimento sobre os modos de produção das imagens,

---

e, posteriormente, o reconhecer dos aspectos integrantes da elaboração dos recursos de carácter áudio visuais.

Tendo em vista as considerações Bergsonianas, fica patente que, além do corpo ocupar uma posição privilegiada, este funciona como um tipo de elemento determinante na integração entre imagens e a subjetividades.

[...] Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo. (BERGSON, 2006, 10 p.).

Pautando-se nessa sentença, nota-se que, a dinâmica de assimilação dos objetos e, também, as formas de interação do sujeito com o mundo, são processos intermediados subjetivamente pelo corpo. Posto isto, considera-se, ainda, que imagem é memória, uma vez que são delas que se emergem os eventos/ocorrências que formatam as relações com o contexto social ou com demais objetos.

Em apreciação ao relacionamento existente entre o corpo e a matéria, e, neste trabalho, este último elemento é compreendido como o agrupamento das imagens que circundam os sujeitos, tem-se que, a memória consistiria, pois, num tipo de coordenador de todo sistema. Desta ação, registra-se que os tempos passado e presente conservam-se ativos, delimitando os marcos de nossa interpretação.

Da tipologia de imagem, a qual foi denominada por Bergson (2006) de imagem-lembrança, identifica-se, exclusivamente, a parcela inteligível da integração com os objetos. Nisto, há o reconhecimento das imagens, na tentativa de resgatar sua claridade, e, precipuamente, seu emprego na vivência dos sujeitos. Posto isto, tem-se que a identificação dos objetos, bem como sua comunicabilidade, emerge das imagens-lembrança. Assim,

[...] Por ela [imagem-lembrança] se tornaria possível o reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiariamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada. (BERGSON, 2006, 62p.).

Depreende-se disso que as imagens-lembrança detêm a capacidade de conservar em si a ação sgnica, na proporção em que esta nos aponta

fragmentos de referencialidades de circunstâncias ocorridas. Assoma-se a isto, o fato de a compreensão do sujeito captar essas partículas, possibilitando a deposição dos eventos do passado na condição de memória.

Apesar de Bergson (2006) ter proclamado que a categoria de lembrança pura esteja impregnada pela impotência inerente ao passado, não é compatível com a afirmação de que esta seja estática, fragilizada ou apartada, pois ao se situar na dimensão da virtualidade, sempre encontrará espaços e motivações para se reformular. Nesse raciocínio, é consentâneo aditar que, é o passado que detém a característica da impotência e não as lembranças puras, as quais são preservadas vivas na dimensão virtual, que possui personalidade ontológica, e não, simplesmente, um caráter psicológico.

Doravante, será apresentada uma abordagem a respeito da operacionalização da percepção na captação das imagens e das materialidades do mundo exterior, e a cooperação do aparato neural nessa dinâmica.

### **3.3 A Relação entre Imagem, Matéria e Percepção na Visão de Bergson**

Com fundamento no que Bergson (2006) explicita, compreende-se que, a representação, carregada pelos espólios da matéria, se expressará espontaneamente numa noção inextensiva. Entretanto, não é suficiente seccionar, é necessário cerzir. Em face dessas características que foram desmembradas de sua estrutura primária, faz-se necessário, pois, esclarecer de que forma elas se recompõem novamente. Assim, cada atributo de que a matéria se abstém, acaba por provocar uma dilatação no interstício entre a sua representação e o objeto.

A partir disto, surgem as seguintes perquirições: Se o sujeito elabora a matéria inextensa, como esta auferirá a extensão? De onde advirá a qualidade, caso o indivíduo restrinja a matéria ao movimento homogêneo? Especialmente, indaga-se sobre como idealizar uma conexão entre a imagem e a coisa, entre a matéria e o raciocínio, tendo em vista que cada uma dessas duas instâncias contém o que está ausente no outro? Frente ao exposto, as complexidades emergem a cada etapa, e, cada empenho empreendido para eliminar uma delas, apenas será capaz de segregá-las em diversas outras.

O movimento irá transpor a substância cerebral, não sem antes ter se mantido nesse lugar, e se revelará, então, como ação voluntária. Nesse quadro está esboçada toda a dinâmica processual da percepção.

No que tange a percepção, cabe delinear que há uma diferenciação entre esta e as categorias de imagem pura e simples, motivada pelo fato de seus componentes se dispuserem sistematicamente em relação a um centro variável. Em face disso, ela se limita a esboçar a parte de indeterminação entregue aos expedientes desta imagem especial, a qual é denominada como sendo corpo. Além disso, pode-se incrementar a esta esteira discursiva que, a indeterminação dos movimentos do corpo, reflexo do trabalho viabilizado pela massa cinzenta cerebral, confere a dimensão precisa da percepção adquirida.

Assim, não é de se impressionar o fato de se afirmar que tudo se processa como se a percepção fosse decorrente das mobilidades ocorridas no âmbito interno do cérebro e emanasse, de determinada forma, das regiões do córtex. Contudo, a percepção não pode advir deste local, posto que o cérebro é uma imagem como as demais, implicada na matéria das outras imagens, e seria incongruente que o contentor derivasse do conteúdo.

Frente ao abordado, é imprescindível que se alcance a compreensão de que a matéria não pode ser assimilada sem o auxílio do aparato neural, pois sem o concurso dos órgãos sensoriais, essa possibilidade não seria teoricamente inviável, mas seria quase improvável de ser concebida, porque uma percepção dessa natureza não teria nenhuma valia. Ela caberia a uma situação quimérica, não a um ser humano. Ademais, o corpo vivo é retratado como um império absoluto, e o sistema nervoso como um ser isolado, cuja competência seria primordialmente desenvolver percepções, e, sequencialmente, gerar movimentos.

### **3.4 Instrumentalização da Memória como Expressão Prática**

Com fincas no panorama de abordagem teórica deste trabalho, fica patente que Bergson especifica duas formas de compreender uma lição, que equivalem a duas funcionalidades distintas da memória e, também, a dois tipos de lembrança, isto é: a memória que possui caráter repetitivo, também cognominado como lembrança aprendida, e a memória imaginativa, a qual é categorizada como lembrança espontânea.

À guisa de ilustração da primeira tipologia de lembrança, pode-se simular a seguinte situação: O sujeito pode alcançar a lembrança ação, através da aprendizagem de um conteúdo de forma decorada, tendo, nessa circunstância, a expressão da força de reprodução/repetição, por meio do qual a decomposição e a recomposição são dinamizadas.

---

A memória “ativa” está orientada para a ação prática. Esta não preserva as imagens remotas, no entanto amplia os seus efeitos até o tempo presente, formulando uma gama de dispositivos corporais, os ditos hábitos motores.

Cada leitura, contudo, reproduz certa imagem na memória que nos oferta uma lembrança representação. Esta memória com capacidade de gravação, que registra as ocorrências na sua particularidade é a memória, definitivamente, pois os acontecimentos pretéritos são acondicionados, por esta via, no formato de imagens.

Dois ponderações devem ser consideradas nessa estruturação da memória. A princípio, o que se deposita é a atividade do passado, e não propriamente o passado. Trata-se, portanto, de determinadas formatações de movimentos que podem ser reestabelecidas, isto é, sistematizadas da mesma forma em que se formaram quando eram tratadas como imagens presentes. Esse resgate demanda um empenho (memória-hábito) conferido à ação da vontade.

A outra reflexão é decursiva da primeira, e comunica algumas considerações atinentes à memória espontânea, a partir da observação de que todas as ocorrências, em sua integralidade, são devidamente conservadas, e não o contrário, que abarca o entendimento de que o que é conservado são os fatos, de forma isolada.

A adoção de todo o processo, que instigou a apreciação da memória sob a ótica de um viés pragmático, isto é, na condição de uma ação prática, pode ser motivada pela forma como Bergson relaciona as duas modalidades de memória, como se houvesse uma bifurcação para uma funcionalidade afim, haja vista que uma proporciona um serviço regular à outra, apresentando-lhe imagens daquilo que antecedeu ou acompanhou eventos semelhantes à circunstância atual, com o propósito de elucidar sua seleção.

Com esquite nesse argumento, infere-se que, a operacionalidade plena da memória, mesmo que de modo indireto, representa uma ação responsiva quanto ao atendimento de um desejo, seja este oriundo dos anseios humanos ou até mesmo dos universais.

Ademais, na concepção de Bergson prevalece o entendimento de que os mecanismos cerebrais são vislumbrados como sendo as terminações das imagens pertencentes ao tempo passado, mas que estão dispostos no presente. Assim, trata-se de fenômenos que compõem o ponto de intersecção entre a tríade de elementos da ação, do passado e do contexto real.

Seccionando-se essa vinculação, a imagem passada tem negativamente comprometido o seu poder de intervenção sobre o real, o que não implica dizer que a mesma venha a se tornar inexistente.

Com esteio na tese de Bergson, registra-se que, as patologias que acometem a região cerebral podem até afetar tais ações, porém não exercem o mesmo efeito sobre as lembranças.

Discorrendo desta vez sobre a percepção dos objetos, cabe salientar que esta acaba por despertar nos sujeitos determinados reflexos, os quais são denominados por movimentos nascentes, que ao se reproduzirem, acabam por sistematizarem entre si um tipo de ajustamento, o que constitui os hábitos corporais. Esses dispositivos motores são mobilizados como contrapartida a um processo de eventos adaptativos que é o escopo da vida, da qual se desdobra tanto o sentido da execução da ação (falando-se num viés prático), quanto o vital.

Bergson se utiliza do potencial de explicação analógico, ao aplicar a percepção como recurso para demonstrar a performance da memória. Com isto, faz-se uma equiparação entre os órgãos de percepção real (a percepção em si) e os do campo virtual (memória).

Além disso, Bergson pontua que os sujeitos obtêm o costume de intensificar as distinções, e de eliminar as similitudes entre a ordem dos objetos, sequencialmente organizados no espaço, e a dos estados consecutivamente desempenhados no tempo. Isso ocorre devido à capacidade da memória contemplativa em assimilar tão somente o singular. Logo, detém a competência de preservar a lembrança das diferenças.

Atendo-se, agora, para a questão da memória motora, é cabível declarar que esta comunica o traço da generalidade à sua ação e, deste modo, identifica a percepção das semelhanças, que é a base sobre a qual se assentam as ideias gerais, uma vez que, de acordo com a ótica de Bergson (2006), a similitude entre os estados e as coisas que relatamos captar é, sobretudo, a propriedade, comum a ambos os elementos, de adquirir do corpo o mesmo tipo de resposta, de fazê-lo reproduzir o mesmo comportamento e articular os mesmos movimentos.

À vista disso, tona-se necessário se concentrar na apreciação acurada quanto as instâncias de generalidade e semelhança, em volta das quais orbitam a noção de conceitualismo e nominalismo, tendo em vista que, para generalizar é necessário primeiramente abstrair, contudo, para que esta abstração possa se dar de forma proveitosa, deve-se saber generalizar.

A respeito da unidade da ideia, é possível colocar que esta é conferida pela identidade do símbolo (associado à capacidade de nomeação

das coisas) que qualifica objetos diversos, porém, é oportuno destacar que as semelhanças possibilitam a diferenciação dos objetos, haja vista que pode acontecer de uma certa palavra não vir a se adequar ao verdadeiro sentido que se almeja atribuir a tal objeto.

Em acréscimo ao que foi tratado, pode-se registrar, ainda, que a conjectura de Bergson manifesta o entendimento de que iniciamos por uma afecção intermediária, por um sentimento obscuro de atributo de similitude, e não pelo contrário, isto é, principiando pela concepção do gênero ou pela percepção do indivíduo.

O corpo, considerado como receptor tanto da percepção quanto da memória, é posto por interventor entre as ações da esfera do mundo e do âmbito espiritual. As ações do sujeito defluem da coalizão da memória pura e da corporal, não sendo, pois, simplesmente atos de reação ao ambiente.

## Considerações finais

Frente às abordagens teóricas explanadas da apreciação do livro *Memória e Matéria*, de autoria de Henri Bergson, compreendeu-se que, o cérebro está inteiramente contido na esfera da objetividade, ao passo que a lembrança integra o prisma da subjetividade. Portanto, torna-se inadmissível o estabelecimento de uma distinção de categoria entre o dispositivo cerebral e as outras formas de matéria (dispostos num mesmo conjunto), fator que transforma a ideia de preservação das lembranças em algum local do cérebro em algo inexecutável, uma vez que as duas vertentes não devem ser confundidas. Deste modo, as lembranças são preservadas *de per se*, isto é, na duração, o que significa dizer que o passado não mantém em outro espaço, que não em si próprio.

Do mesmo jeito que há uma separação entre a subjetividade e a objetividade, há diferenciação entre os pares: matéria e a memória, percepção pura e lembrança pura, presente e passado. No caso específico dos tempos passado e presente, podem surgir dificuldades que obstem a efetivação desta distinção, contudo a assimilação do passado deve ser vislumbrada não como inexistente, mas que unicamente não está mais atuante ou de esboçar utilidade.

Inútil e inativo, impassível, ele É, no sentido mais pleno da palavra: ele se confunde com o ser em si. Não se trata de dizer que ele 'era', pois ele é o em-si do ser e a forma sob o qual o ser se conserva em si (por oposição ao presente,

---

que é a forma sob a qual o ser se consome e se põe fora de si) (DELEUZE, 1999, 41p.).

Segundo Bergson, quando o indivíduo quer rememorar algum episódio, o que, de fato, acontece é que há um deslocamento do tempo presente, por meio de um salto para se situar primeiramente num passado em geral, e, sequencialmente numa localidade pontual do passado. Esse arremesso possibilita que o sujeito seja abruptamente introduzido no passado.

Da mesma forma como o indivíduo não capta as coisas em si, mas onde elas se encontram, o sujeito não conseguirá capturar o passado de onde está posicionado, isto é, no tempo presente, e sim onde ele se encontra, em si mesmo. A lembrança, por sua vez, existe numa condição virtual, e é necessário que se assuma um posicionamento adequado para alcançá-la. Assim, uma vez executado o salto (verdadeiro deslocamento/imersão do ser em si do passado), a lembrança pode ser transferida da situação virtual para o atual.

Logo, não acontece entre o tempo passado e presente um processo de encadeamento. Há, todavia, um sistema de existência concomitante, onde o presente age e não cessa de passar, enquanto que o passado não para de ser, conferindo condições para que todos os presentes passem por ele.

Considerando que, enquanto o tempo passado se preserva em si, e o presente continuamente passa, depreende-se que o passado convive com o presente, que é vislumbrado como devir.

Para Bergson, o passado apenas retorna à consciência, na proporção em que pode auxiliar o entendimento do presente ou a predição do futuro. A rememoração de uma situação pela percepção presente tem por objetivo elucidar a circunstância presente através dos fatos que antecederam e se desenvolveram numa conjectura pretérita.

Ademais, discerniu-se que, na relação entre o corpo e a memória, o primeiro funciona como um alvo sobre o qual o derradeiro se mobiliza, projetando-o a todo instante rumo ao futuro. Os diálogos concernentes ao papel do corpo inauguram a missão Bergsoniana de escapar das objeções teóricas alusivas à concepção de matéria, na tentativa de convencer os seus contemporâneos dos equívocos que os cercavam, isto implica dizer que "é falso reduzir a matéria à representação que temos dela, falso também fazer da matéria algo que produziria em nós representações, mas que seria de uma natureza diferente delas" (BERGSON, 1979, 2 p.).

Outrossim, a conceitualização do termo imagem colaborou, positivamente, na compreensão dos pressupostos transmitidos por tal

pensador, pois quando as externalidades são captadas em formato de imagens, forma-se o entendimento de que “o objeto existe nele mesmo e, por outro lado, o objeto é, nele mesmo, pitoresco tal como o percebemos; é uma imagem, mas uma imagem que existe em si”. O universo das imagens torna-se um estímulo para assimilar a relação dos sujeitos com o plano real, através da impressão, com a interlocução dos mecanismos sensitivos. No âmbito das imagens existe um tipo de nivelamento entre o objeto e o corpo, onde, a princípio, apenas as operações de personalidade física são descritas.

O autor assinala, ainda, que, a duração não se firma como um sequenciamento de momentos, pois se esse argumento fosse verdadeiro, não existiria a permanência do passado no contexto hodierno, mas tão somente o presente. Para tal pensador, *a duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança* (BERGSON, 2006, p. 47).

Averiguou-se que, devido a dinâmica de adensamento do passado sobre o presente acontecer, ininterruptamente, não se pode conceber uma ideia de memória como sendo um simples arquivo onde as recordações são acondicionadas, e, atesta, também, que este instituto não representa uma aptidão (que se torna atuante de maneira intervalar, sob os comandos do querer e do oportuno)

Por fim, notou-se que, o passado, ao exercer propriamente o papel de se conservar, acaba por conviver integralmente com o indivíduo, haja vista que ele este é constituído pelo acúmulo das experiências de que foi participante desde o começo de sua existência, e até antes dela, confirma Bergson, apesar de uma ampla parcela do passado subsistir ocultada no campo do inconsciente, pois todo o aparato cerebral trabalha de modo a reprimir quase que a sua integralidade, incorporando na consciência somente o que seja proveitoso a uma condição presente. *É com nosso passado inteiro, inclusive com nossa curvatura de alma original, que desejamos, queremos, agimos* (BERGSON, 2006, 48p.), e é por meio dos impulsos e predisposições que se expressa esse passado, apesar de somente uma diminuta fração dele se transformar em representação.

## Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, e aos órgãos de Financiamento em Pesquisa: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

## Referências

BERGSON, H. **Evolução criadora**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São

Paulo: Martins e Fontes, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.

DELEUZE, G. **Bergsonismo**. Tr. Luiz Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 1999.